

Quase um plano de aula*

“Neste momento inolvidável...”, assim começaria eu se fosse fazer um discurso, na acepção vulgar de comovida peça oratória, fofa e balofa, que me desgosta, embora aprecie o Padre Vieira, – mais o das cartas que o dos sermões – aparentemente fofos e balofos sermões, no entanto escritos com as galas todas disponíveis da língua portuguesa do séc. XVII. Gosto de dar aulas, mas não me proponho a entediá-los. Habitado, porém, a preleções ordenadas, segundo um procedimento que desde cedo adotei no ensino, fingirei, nessa alocução rememorativa a ser-vos apresentada, pois que ela é memória com prolongamentos analíticos e críticos ao final, que estou obedecendo a um plano de aula. Poderia ser: I – Filosofia no Ginásio; 2 – Como aprendi a dar aulas ou, ainda, como comecei a ensinar; 3 – Autodidatismo e formação; 4 – Meus patronos, pais espirituais (não se usava, outrora, o termo induísta de guru), e muitos outros tópicos ilustrativos, exemplares, esclarecedores sem muita acrimônia, e às vezes divertidos, expostos um tanto a esmo, ao ritmo oscilante do pensamento e da recordação.

Mal terminei o curso ginásial, convidou-me o prof. Augusto Serra a dar aulas de Filosofia no Colégio Moderno, onde eu estudara de 1941 a 1948, e do qual era ele diretor e proprietário. Que me seja permitido dividir com Augusto Serra, o Serrão, – e com tantos outros que irei mencionando – o título que hoje me conferis. Essas pessoas, quase todas mortas, continuam a mim aliadas de várias maneiras; algumas elejo meus patronos, pais espirituais que encarnaram, cada qual de per si, para o autodidata que ainda sou, a figura do mestre por mim sempre buscado; as que ainda vivem foram e são amigos, no sentido próprio, isto é, companheiros de existência.

Filho único, menino ensimesmado, na amorável companhia de seis tias maternas, procurava e estimava a convivência dos vizinhos de minha idade, a

* Discurso proferido por ocasião da titulação de Professor Emérito - Universidade Federal do Pará, novembro de 1998. Incluído em NUNES, Benedito. *Do Marajó ao arquívio: um breve panorama da cultura no Pará*. Organização e prefácio Victor Sales Pinheiro. Belém: EDUFPA (no prelo).

maioria pertencendo à particular estirpe, muito difundida àquela época, dos pequenos serviçais de cabeça raspada (teriam muitos piolhos, dizia-se), empregados, sem remuneração, para trabalhos domésticos nas outras casas da Gentil Bittencourt próximas à nossa, quando não brincava com os moleques independentes dos grandes cortiços próximos, como a Jaqueira, um conjunto de minúsculos quartos de madeira, onde habitavam lavadeiras, cozinheiras, pequenos artesões, desocupados, escroques, pedreiros e trabalhadores em geral – o Lumpenproletariat desse período. Mas inclinei-me, desde cedo, à relação com pessoas mais velhas, como vereis.

De família remediada muito católica, minha mãe sonhava pôr-me a estudar o ginásio nos Maristas, cujas mensalidades não lhe eram acessíveis. Procurou-os, certo dia, para pedir-lhes, nesse momento exibindo-me ao padre que então nos recebeu, como aluno aplicado, uma vaga gratuita. O benefício caridoso foi-nos negado para decepção da expectativa cristã de minha mãe. Entretanto, Augusto Serra, reputado ateu (e ele não era senão, como vim a saber mais tarde, um descendente do positivismo à Littré, ofereceu-me, por intermédio de seu irmão Osvaldo – o Serrinha –, nosso vizinho, ambos sendo excelentes matemáticos, a vaga gratuita almejada, no Colégio Moderno, onde, durante sete anos, eu e outros colegas na mesma situação, bem mais pobres do que eu, fomos estudantes de pleno direito, sem qualquer espécie de discriminação, como a que havia, então, nos colégios religiosos para órfãos, órfãs e assemelhados.

Fui representante de classe, presidente do Grêmio e, de certo modo, líder dos colegas estudantes. Com o Serrão, tinha longas conversas litero-filosóficas nos fins de tarde. Franqueou-me a biblioteca do estabelecimento, até aquele momento fechada, e que viria a organizar e administrar em nome do Grêmio: livros, em sua maioria, em francês e inglês. Pela primeira vez, li, de cabo a rabo, um texto em francês de autor inglês: o *Ivanhoé*, de Walter Scott, um dos primeiros alumbramentos literários, depois de *As Caçadas de Pedrinho* e as *Memórias da Emília*, de Monteiro Lobato ou o *Robin Hood*, em tradução do mesmo Lobato – alumbramentos que continuaria a proporcionar-me a *Odisséia* de Homero, vertida do grego para o português, por Carlos Alberto Nunes, meu tio, que morava em São Paulo, com quem partilho as honras do meu título.

Carlos Alberto Nunes, já falecido em Sorocaba, em 94, com mais de noventa anos, impossibilitado por uma total cegueira de realizar seu último projeto – a tradução das cartas latinas de Erasmo – enviou-me, de São Paulo, anos a fio, romances ingleses e franceses, tratados de filosofia e livros de divulgação científica, hoje inestimáveis peças de minha biblioteca. Nos anos 70, quando era Reitor Aloísio de Costa Chaves, doou à UFPa os direitos autorais sobre o gigantesco trabalho por ele empreendido durante dez anos: a tradução completa de Platão, editada por essa Universidade durante três administrações, entre 73 e 80, em 11 volumes. Além disso ofertou à sua biblioteca livros de e sobre Platão em várias línguas, particularmente em alemão – enfim, uma rica platoniana, a que não faltavam os originais manuscritos da tradução que fizera. Alongamo-nos sobre esse assunto, não porque queiramos propor à Universidade

que, na base desse acervo, inicie um novo programa de preparação de helenistas. Apenas faço ver ao Magnífico Reitor a necessidade de reeditar a tradução completa de Platão, de há muito esgotada. Onde quer que vá em minhas perambulações para conferências, na Universidade do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, de Santa Catarina, em Florianópolis, do Paraná, em Curitiba, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, em Belo Horizonte, da Paraíba, em João Pessoa, ou na Universidade de São Paulo, onde quer que vá, é a mesma pergunta que ouço: Quando é que a Universidade Federal do Pará reedita o Platão?

É certo que, não faz muito, ela se preparou para fazê-lo. Mandou revisar todos os volumes publicados; escoimados foram os erros, extirpadas as gralhas, organizados índices naqueles que contêm mais de um diálogo, e esse exaustivo trabalho de revisão entregue no tempo devido. Mas depois disso não mais se ouviu falar no Platão, embora tivesse chegado à Universidade vantajosa proposta de co-edição. Ignora-se, até, o paradeiro dos volumes.

Ali onde comecei a dar aulas, no Moderno, também aprendi a ensinar. É o que tenho feito na vida: aprender a aprender. Sou autodidata dos pés à cabeça. No caso da aprendizagem das línguas foi diferente. Com seu vozeirão, a cabeleira de um branco fosco, Dona Hermenegilda Tavares Cardoso, a Dona Velha, temida no quarteirão, sem papas na língua, de uma franqueza arrebatada, que administrava a sua enorme casa em estilo *art nouveau* na Padre Prudêncio, atual Presidente Pernambuco, e estudava as línguas vivas, ensinou-me o francês também de graça. Denodada mulher, a quem designo como professora emérita: passava os dias preenchendo, com a sua bela letra, cadernos como os que me dava, e que continham listas de sinônimos e antônimos em francês, então, por excelência, o idioma instrumental da expressão cultural dos indivíduos, médicos e bacharéis em Direito, como os meus primos Hall de Moura, Ribamar, Sylvio e Levi, que viviam sob a sombra tutelar de tia Angelina, numa casa modesta da Rui Barbosa.

A casa de tia Angelina era a última da rua e a rua acabava rente a um capinzal onde vacarias prosperavam. De sua sala pequena, com uma estante ao canto, perto da janela, guardando os livros de meus três primos, bacharéis em Direito e magistrados, fazia meu refúgio durante alguns dias da semana, pela manhã, são sair do colégio. Ali, naquela estante, encontrara edições francesas de a *Crítica da Razão pura* e de *O Mundo como Vontade e Representação*, além de *L'Évolution créatrice de Bérghson*, da Felix Alcan, exibindo na folha de rosto assinatura de Dalcídio Jurandir, seu ex-proprietário. De vez em quando chegava-me o cheiro das vacarias espalhadas no meio do capinzal, quase sempre ondulado pelo vento. O odor de estrume, da bosta de boi, entre vegetal e animal, um dos melhores e mais fortes cheiros, como ouviria, mais tarde, de Mário Faustino, e o gosto do guaraná solúvel Sórбилis, infalivelmente servido em cada uma dessas visitas, associaram-se à descoberta do caráter a priori do espaço e do tempo na Estética transcendental de Kant. Um dos primos, Ribamar, a mim se afeioou.

Estatura mediana, cabelos lisos, os olhos miúdos, mongólicos, como de muitos caboclos da região, bem moreno, mas com uma tez baça de indú, os



Benedito Nunes,
Mario Faustino e
Haroldo Maranhão

Foto: acervo Maria Sylvia Nunes

lábios finos cortados por leve sorriso numa cara gorducha de Buda, as mãos pequenas, Ribamar antecipava-me a clássica descrição de Sócrates por Alcebiades que leria no Banquete: a desgraçosa imagem de um Sileno. “Feio, és muito feio”, ouvi uma vez dizer-lhe de cara o professor de latim do então Ginásio Estadual Paes de Carvalho, Remigio Fernandez, um espanhol alto, de espessas sobranceiras. E no seu tom lambanceiro, que havia rotinizado o insulto no tratamento de alunos e colegas, completou a apóstrofe chamando-o de Príncipe Encantador. Talvez o extravagante espanhol, que tinha lá as suas humanidades, se lembrasse, usando desse epíteto, Príncipe Encantador, de duplo sentido aplicado a quem o dirigiu, da imagem do Sileno, feio por fora e belo por dentro. No paralelo de Alcebiades, a figurinha exterior é um engodo: destapada, via-se, no bojo, a estátua de um deus. Ribamar deu-me a ver, pela primeira vez o homem por trás do indivíduo e o humano (ou o divino) por trás do homem.

Saiu de sua comarca para o posto de juiz de Direito em Macapá. Lá teve um acesso de uremia. Ouvi contar que delirou numa audiência, proclamando, de chofre, com as palavras de Jesus em defesa da mulher adúltera, a inocência da acusada no processo em julgamento.

Depois da Odisseia e da Ilíada, veio o tempo da comoção estética abalada, com a leitura de *Les misérables* de Victor Hugo, primeiro em português, e depois no original, graças ao dadivoso Orlando Bitar, que me confiou (ele foi meu

professor de latim no segundo ano ginásial) o catatau de uma edição gigante, letras douradas na capa e nas lombadas, profusamente ilustrada. Eis aí um dos amigos mais velhos, que me ensinou a apreender; o pouco de latim que ainda sei, devo à sua maneira de ensinar, familiarizando o aluno com os tempos primitivos buscados nos dicionários. Dava-se, portanto, que certos professores tornaram-se meus amigos, valendo igualmente afirmar, na proposição inversa, que determinados amigos meus, como o Ribamar, tornaram-se meus professores, no sentido ampla da palavra. Não faltará, nesta precária lista da equiparação entre mestre e amigo, o nome de Maria Anunciada Chaves, uma ligação afetiva e intelectual de muitos anos, professora minha que foi, no Moderno, de História Geral e História do Brasil, com a particularidade de ter sido, para mim, como Orlando Bitar, um modelo vivo de didática. Nenhum dos dois, ao que sei, frequentou cursos dessa matéria. Eu também não fiz curso de didática. Aprendi a ensinar a duras penas – a ensinar e a ensinar-me.

Quando estava terminando o ginásial, formei o projeto de estudar filosofia na USP, em São Paulo. Não deu certo. Mas reencontrei a Filosofia nas aulas de Daniel Coelho de Sousa, em Introdução à Ciência do Direito, que ele ministrava, ainda em 48, contando em seu programa pontos extensos e profundamente desenvolvidos sobre Teoria do Conhecimento. Meritíssimo professor, ao longo do tempo meu amigo, Daniel, poderosa mente filosófica, era, como expositor, um dialeto: sabia unir e distinguir ideias, contrapô-las entre si racionalmente. Da Faculdade de Direito dessa época, entre 49 e 52, não posso omitir o professor de Direito Penal, José Tomás Maroja, com quem entretive uma singular relação amigável de empregado a empregador. Trabalhei em seu escritório de advocacia, a convite dele, por alguns anos, quando já começara a bandear-me para o magistério, com o que esse mestre não se conformava, achando que tinha pendores para o Forum. Talvez tivesse, mas o meu interesse não estava na advocacia. Comprova-o o fracasso do escritório que abrimos nesse domínio, eu e Haroldo Maranhão, meu amigo e contemporâneo no Colégio Moderno desde os 13 anos de idade, quando trocávamos cartas – cartas, imagine-se só, morando na mesma cidade – sobre assuntos literários, como haviam feito Monteiro Lobato e Godofredo Rangel em *A Barca de Gleire*, que procurávamos imitar. Fora colaborador do Suplemento Literário de a Folha do Norte que ele fundara e manteria por mais de quatro anos. Assim abrimos o escritório para que pudéssemos, com um certo conforto, boy à nossa disposição para cafés e merendas, ler e escrever à nossa vontade. Fugíamos dos clientes, escondiamos deles, e cheguei a expulsar de minha casa um desses inoportunos.

Notai que os patronos e amigos de que até aqui falei, salvo Anunciada Chaves, e salvo aquele de que trato agora, Francisco Paulo Mendes, que em mim acendeu o amor e o respeito pela poesia, dentro e fora da rodinha do Café Central que frequentávamos na década de 50, e que desfeita foi pelo golpe militar de 64 – o grande trauma de nossa geração – os patronos de que até aqui falei estão mortos.

À medida que passa o tempo, vai aumentando a nossa relação com os mortos, sem que cessem o sentimento de amizade, de respeito ou de admiração que a essas pessoas devotávamos em vida, como se dá, ainda hoje, em relação a Mário Faustino, falecido em 62. Mário não é para mim uma mera recordação, mas a terna e afetuosa lembrança de uma irmandade de ideias e sentimentos – irmandade tal como a que também mantenho, há quase cinquenta anos, com o imenso poeta vivo, Max Martins, os dois aqui, Mário e Max, o morto e o vivo, em mim traspassados e confundidos.

De certa feita, íamos os dois, eu e Mário Faustino, andando pela calçada fronteira à Biblioteca Nacional, no Rio: “Não me sinto adulto, disse-me ele, de súbito. “Eu também”, respondi-lhe. Tanto a filosofia quanto a poesia são formas de infância do mundo e do espírito. Por isso sabíamos rir juntos, às gargalhadas. E por isso, posso sorrir ou rir da Filosofia, mesmo quando me incita, me estimula e me atormenta.

Um dia, na vigência do governo militar, certo coronel achou que eu era um comunista disfarçado e ligou meu nome a um IPM, Inquérito Policial Militar. Foi quando, em 1967, saí do Brasil para a França, com o auxílio e a conivência de José Silveira Neto, a quem, neste momento, presto reverente homenagem. Deveria ir aos Arquivos Husserl, em Louvain, conforme me autorizara em carta seu diretor Van Breda. Já tinha lido muito sobre a Fenomenologia, anotando em cadernos as ideias de Husserl, seu fundador. Iniciei, em Paris, o meu período, intenso e curto, de estudos regulares em torno dessa disciplina ou corrente filosófica, que muito contribuiu — sem estancar a veia do autodidatismo — para o meu ensino, em sua fase universitária, decorrência de um convite de Moreira Junior — o patrono tardio que cito — para substituir Daniel Coelho de Sousa na Faculdade de Filosofia, antes da federalização desta, com a consequente criação da Universidade.

Esse tempo coincide com o início da atividade de escritor — tormentosa a princípio, pois que escrevia à mão — Maria Sylvia ajudando-me no início, depois Maria José, a pacientíssima Maria José Silva — sem conta foram, antes de aposentá-la o solícito e traiçoeiro computador, os meus textos riscados e entrelinhados que datilografou — e a quem rendo aqui meu preito de público agradecimento.

À Maria Sylvia devo mais do que isso: sua paciência já dura quarenta e seis anos. Nossa comum discreção tolhe-me a palavra. Se falasse, externado sentimentos, seria isso uma dupla traição. Só o silêncio pode evitar que se contamine pela publicidade mediática o mais íntimo, o mais velado e o mais vivido. Há quarenta e seis anos vivemos na mesma casa, à Travessa da Estrela, mandada construir por Angelita Silva, minha cunhada, uma cabeça matemática, professora de Estatística Educacional na Universidade Federal do Pará e ao mesmo tempo criatura de fina sensibilidade artística, com quem morávamos.

Tenho assim duas casas — a da Estrela e a da Gentil Bittencourt, perto da Jaqueira, onde nasci: aquela foi a da maturidade e, agora, da velhice; a última foi a da infância e da primeira juventude. Na mesma ordem, uma serviu-me à

particular Universidade intensiva dos meus estudos privados de gabinete, mas a outra ofereceu-me a primeira escola – a escolinha primária da tia Dodó, da prof. normalista Theodora da Cruz Viana: vinte alunos, e eu entre eles, em torno da mesa da sala de jantar, bancos corridos a princípio, depois substituídos por tamboretas comprados a duras penas. Não mais do que vinte alunos – há muitos outros à espera de vagas, dizia a tímida professora, que lecionava da alfabetização ao quinto ano no Colégio (assim batizou-o minha piedade infantil) Sagrado Coração de Jesus. O horário, em letra manuscrita, estava afixado, num dos caixilhos da sala: Segunda – Ditado, Leitura, Geografia; Terça: Redação, Leitura e Lições de Coisas, etc. etc. Fui um dos comensais daquela mesa; participava de um agape sem sabê-lo. É à Dodó, a última, que é a primeira, desta relação de patronos, que transfiro plenamente o título hoje recebido.

O que me ensinei?

Ensinei-me a jamais abordar um assunto de que não tivesse suficiente conhecimento, a ouvir o estudante, a ser por ele inquirido e confessar-lhe minha ignorância quando fosse o caso. A pesquisa, de que têm resultado meus livros, foi consequência desse ensino. Nesse ponto, faço questão de dizer que pouco ou nada devo à Universidade. Escrevi sempre em casa, em geral consultando os meus próprios livros, a maioria dos quais a instituição não tinha.

Nos últimos tempos que lá passei, antes de aposentar-se, pugnei contra o populismo reinante, a contrafação interna da democracia (quando não se tem democracia na sociedade, tenta-se recuperá-la intramuros), o novo didatismo, muitas vezes disfarçando a incompetência e a negação do elitismo próprio às Universidades. Não pode a instituição universitária abdicar da escolha seletiva dos melhores; nesse sentido ela é elitista e sê-lo-á enquanto subsistir como Universidade.

O que ensinei aos estudantes? Ensinei-lhes a boa arte do ceptismo: a duvidar de tudo, a tudo interrogar adequadamente com conhecimento de causa. Não me limitei a sentar praça numa filosofia determinada, ao som do clarim da especialidade. Serei céptico? Sim, enquanto crítico de ideologias, crenças políticas e religiosas. Pelo menos, não acariciei as ilusões intelectuais dos estudantes, não lhes adulei os preconceitos.

Minha recordação volta-se para os melhores alunos que tive tanto no ginásio quanto nos cursos universitários, alguns dos quais tornaram-se professores. É o meu ganho de vida. Habitado a circular desde ontem entre vivos e mortos, não me desespera hoje o dever da idade, assumido no verso do poeta espanhol Jorge Guillén: “mi dever de morir”.

Finalmente, agradeço a meus colegas e aos Conselhos que me concederam o título de Professor Emérito e ao Reitor da Universidade que houve por bem ratificar a decisão.

Belém, 30 de novembro de 1998.

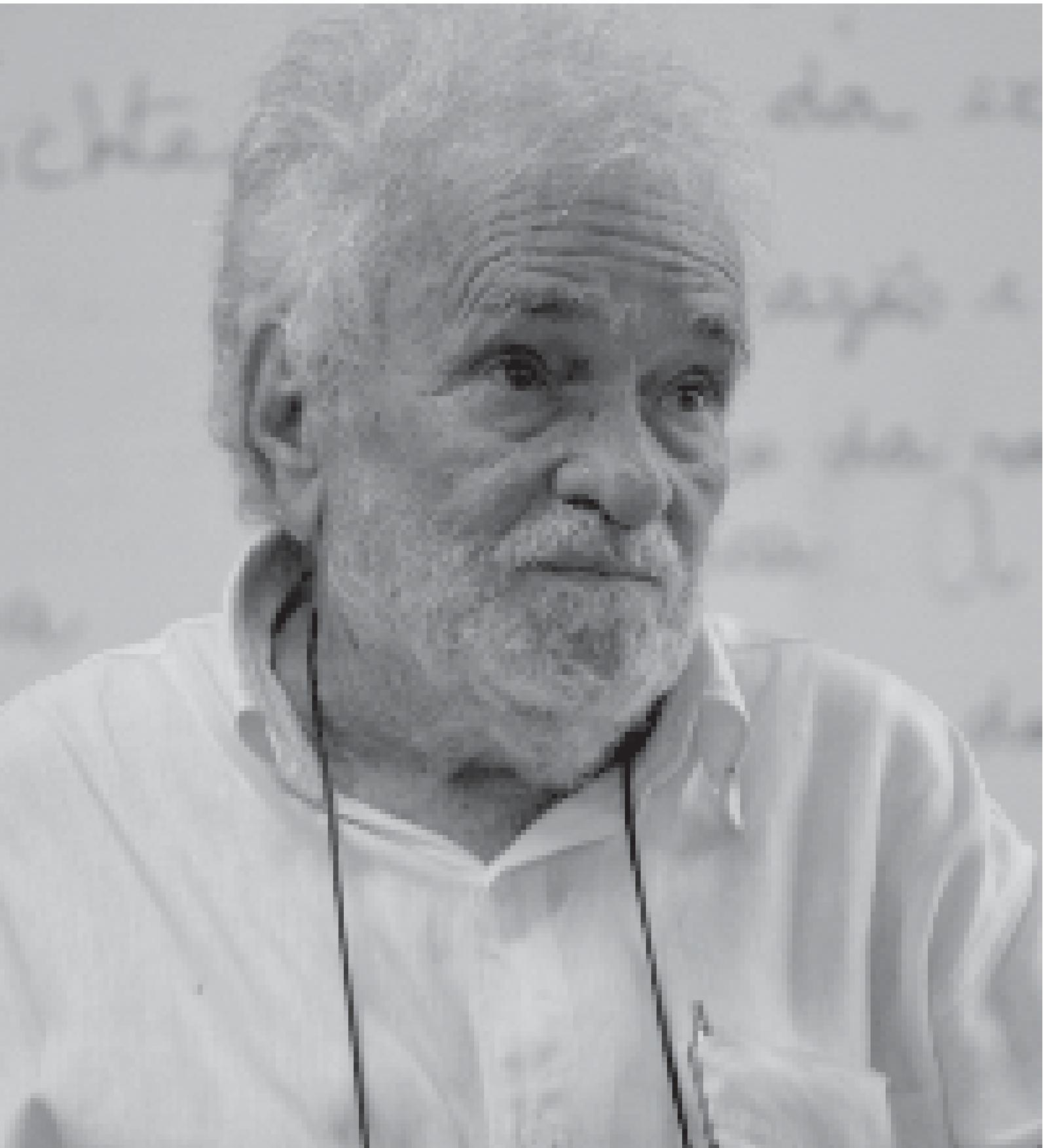


Foto: Elza Lima